

A PERMANÊNCIA DE EUCLIDES DA CUNHA

CINEMA

A 15 de agosto completa-se meio século do assassinato de Euclides da Cunha. O autor de «Os Sertões» nasceu a 20 de janeiro de 1866, na então província do Rio de Janeiro. Sua passagem pela Escola Militar da Praia Vermelha, aos 22 anos de idade, está marcada por um lance característico de sua viva personalidade de revolucionário, inconformado com a situação de atraso do país e de miséria de seu povo. Republicano ardoroso, o jovem Euclides da Cunha, numa parada militar ante o Ministro da Guerra da monarquia, verga ao joelho e lança em terra a arma que traz consigo, símbolo de um regime repudiado. Desligado do Exército, Euclides da Cunha vai cursar a Escola de Engenharia. Mas, proclamada a República, um ano após o seu ato de rebeldia, retorna à Escola Superior de Guerra, terminando o curso. Por ocasião da revolta da Armada, participa ativamente da defesa da República. Logo depois retoma a vida civil, indo trabalhar como engenheiro no Estado de S. Paulo.

Essa, em traços largos, a sua biografia dos vinte anos.

A guerra nos campos de Canudos, contra os quais se mobilizam forças de um extremo a outro do País, viria dar um novo rumo à vida de Euclides da Cunha e projetá-lo repentinamente nos cimões

da nossa intelectualidade. A partir de 1897 é que de fato Euclides da Cunha passa a exercer um papel efetivamente revolucionário no pensamento brasileiro. Com «Os Sertões» (1902) fere de cheio o grande problema que interessa, o progresso do país: o contraste chocante entre a cidade e o campo, o abandono criminoso em que mergulham as populações sertanejas, de que Canudos era apenas a expressão alarmada. E é ele que segura para o interior da Bahia

RUI FAÇO

certo de que ali se decidiam os destinos da jovem República, constata a burria, denuncia-a e denuncia o crime. Não vacila em aderir abertamente à parcialidade dos que enfrentam com tamanha coragem as tropas armadas até os dentes a serviço do latifúndio semifeudal. Passa-se para o lado dos bravos que as «ordens do dia» qualificavam de «bandidos famigerados». «Fôra até demasia de frase caracterizá-lo como inimigo, termo extemporâneo...» — protestaria

patricios ignorados. Conheço-os de perto. Vi-os na quietude de suas vidas primitivas. Vi-os na batalha. Atravessi com eles dias de lutas heróicas e sem glória nas campanhas formidáveis e obscuras do deserto.

Esse homem simples do interior seria o objeto permanente de suas preocupações. Durante seus estudos de cartografia no Amazonas, o engenheiro que levanta cursos de rios, é mais atraído pelos séres humanos submetidos à escravidão dos seringais do que pelos acidentes geográficos. Poucos revelaram tão ao vivo, como ele o fez, as terríveis condições de existência do sertanejo que fugia das secas e ia cair sob o guante de ferro do dono do seringal.

Jamais de se culparia «essa inclinação deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior».

Seria ele o descobridor do verdadeiro Brasil, das regiões até então ignotas da nossa interlândia. Como nenhum outro contemporâneo seu, Euclides da Cunha contribuiu para torná-lo conhecidos em toda a sua rudeza, sem adornos. Fugindo ao encantamento da paisagem, ele via o homem. E, não

obstante todos os seus lastimáveis preconceitos de raça, tinha plena confiança no futuro do Brasil, pois o homem que ele considerava «o cerne vigoroso da nossa nacionalidade» possuía todos os atributos capazes de arrancar o País do «presente abominável em que vivemos» e projetá-lo entre as grandes nações do futuro.

É verdade que a própria luta sangrenta que se travou durante um ano nos sertões da Bahia sacudiu o Brasil inteiro. Mas Euclides da Cunha foi a consciência do problema que eclodia e que não era de uma região ou de um Estado, mas nacional. E não podia ser resolvido a bala ou a dinamite: era o Brasil interior que desperitava e não admitia continuar indefinidamente ignorado.

O ter sido o porta-voz deste profundo anseio de vida explica o fato de Euclides da Cunha permanecer tão atual em nossa literatura, sucederem-se as edições de seu livro apaixonante e o drama de Canudos palpitar ainda, como se tivesse acontecido ontem, objeto constante de interesse, meio século depois do desaparecimento do autor de «Os Sertões».



DESAPARECE UM COMBATENTE DO PROLETARIADO: LABRIOLA

Aos 86 anos de idade, faleceu recentemente em Roma um eminente revolucionário italiano, conhecido combatente da causa dos trabalhadores: Arturo Labriola.

Labriola nasceu em Nápoles a 21 de janeiro de 1873. Desde a adolescência, passou a militar nas fileiras socialistas, participando da fundação da seção napolitana do PSL. Tinha 15 anos quando foi preso a primeira vez, durante uma mani-

festação republicana. Posteriormente, ainda por suas atividades revolucionárias, foi condenado a 5 anos de prisão, refugiando-se na Suíça.

A partir dessa época, Arturo Labriola não conheceu repouso em sua atividade como revolucionário da classe operária. A partir de 1900, torna-se chefe da corrente revolucionária do Partido Socialista Italiano e diretor da «Avanguardia Socialista». No seio do Partido travam-se lutas de tendências — marxista, sindicalista, antimarxista, etc. — e nem sempre Labriola assume posições coerentes. Mas sua honestidade, sua firmeza revolucionária, sua fidelidade à causa que abraçou levam-no finalmente ao caminho certo.

Depois de ter participado do governo sob o gabinete de Giolitti, em 1920, como Ministro do Trabalho, Labriola toma a iniciativa de elaborar as primeiras leis em favor dos trabalhadores.

O advento do fascismo na Itália o encontra no Parlamento. E Labriola combate o fascismo de Mussolini desde a sua ascensão ao Poder. Em 1920, alvo de perseguições, vende seus companheiros assassinados ou presos, em (Conclui na 5.ª página)



Labriola

depois. «O sertanejo defendia o lar invadido, nada mais». E seu grande livro se converte na ata de acusação daquele assassinato coletivo.

Daí por diante, não teria limites sua admiração pelo homem do campo. Pouco antes de morrer, escrevia ele: «Por uma felicidade rara calcel, há muito, umas velozes «botas de sete leguas», que me tornaram arreado das cidades, esquivo e errante no meio dos nossos simples

RECIFE

Novo Catedrático de Direito Penal

RECIFE. (Do correspondente) — Constituinte em importante acontecimento da vida cultural pernambucana e recente concurso para provimento da cátedra de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade do Recife. Dois candidatos apresentaram-se, os professores Rui da Costa Antunes (que já vinha exercendo a docência da mesma cátedra) e Roque Neto Alves. A banca examinadora foi composta dos professores José Frederico Marques, Helio Tornaghi, Oscar Stevenson, Gentil Mendonça e Abgar Soriano, este último presidente da banca.

Realizando um concurso digno das tradições da gloriosa Faculdade, o professor Rui da Costa Antunes, conhecida personalidade do movimento democrático, foi aprovado com a elevada média de 9,85, ficando em segundo lugar, com 8,7 de média, o professor Brito Alves. A tese apresentada pelo professor Rui Antunes — «Problema da Pena» — é um estudo longo e fundamentado, defendido pelo autor com grande brilhantismo. Deane modo, o professor Rui Antunes é o novo catedrático de Direito Penal da Faculdade, em substituição ao saudoso professor Aníbal Bruno.



Pascale Petit e Jacques Charrier, «Juventude transviada» francesa.

OS TRAPACEIROS

EM maio de 1958, a convite da UNIFRANCE FILM, visitei alguns estúdios parisienses, entre os quais Saint Maurice, onde Marcel Carné trabalhava em seu último filme — «LES TRICHEURS». No estúdio reconstruí-se um quarteirão com um bar e estação de metrô na porta. As filmagens desenvolveram-se no interior do bar e uma vez lá-ia-se ouvir: «On demande M. Felix au téléphone». Um homem gordo levanta-se da mesa enquanto um casal avança para ele. Esta curta cena foi repetida 5 ou 6 vezes. Depois, um pequeno intervalo e as apresentações a Carné, Pascale Petit, Jacques Charrier e o fotógrafo Claude Remit. Durante um quarto de hora pudemos interrogá-lo e ouvir um rápido esboço da história de «LES TRICHEURS», baseada em fatos que realmente se passaram e sobre os quais Carné fez rigorosa pesquisa. São daí estas palavras:

«Em nossa pequena encontramos como constante este desejo de «viver rápido», aproveitar o máximo possível, porque a bomba atômica pode acabar com o mundo; se há rapazes que têm um «Jaguar» porque não há de tê-lo, não importa os meios, são rapazes e moças que não tiveram um bom exemplo em seu próprio lar, os pais que não se preocuparam com a vida de seus filhos. Cada qual preocupado com seus próprios problemas, os pais esqueceram-se de suas obrigações. O filme não é uma acusação à juventude, antes, será uma advertência aos pais.»

A primeira vista o filme de Carné parecerá insólito, exagerado e, para alguns moralistas, excessivamente «realista», ou, até mesmo, grosseiro. Os jovens retratados em OS TRAPACEIROS, felizmente, não constituem a maioria, mas seu mau exemplo vem sendo limitado, explorado criativamente pela má imprensa, expartado para os mais variados pontos do globo. É preciso ser agressivo para fazer-se ouvir e entender por estes rapazes e moças desorientados que se escudam em teorias de «fim de mundo» para justificar sua conduta. Seria hipocrisia atribuir tudo aos desníveis econômicos, esquecendo-se o componente emocional representado pelo sexo. A solidão é angustiante problema de homens e mulheres em todas as latitudes, daí o aparecimento de teorias sobre a liberdade sexual total substituindo a afetividade e a atração física naturais.

A delicadeza do assunto exposto ensejou ao cineasta, conhecido e admirado de OS VISITANTES DA NOITE, a oportunidade de mostrar sua vitalidade artística e sua constante atenção para os fatos sociais de nossos dias. Há na história de Carné e nos diálogos de Jacques Sigurd muito de poesia, de compreensão humana, de censura ao indiferentismo da coletividade. Aos jovens há uma advertência de que não devem «trapacear» com os próprios sentimentos, esconder o amor e o desejo como coisas ínvias. Sob a aparência insólita, OS TRAPACEIROS conduz a conclusões objetivas de sentido moral e educacional, deixando a cada um o dever de procurar as soluções para o fenômeno sociológico. Artisticamente, nada fica a dever de outros filmes da própria Marcel Carné e muito se assemelha pelo estilo e tema escolhido aos propósitos dos jovens realizadores franceses já conhecidos como a «nouvelle vague». Aliás, OS TRAPACEIROS revela alguns talentos novos, como Pascale Petit (Mie), Jacques Charrier (Bob), Andréa Parisi (Clô) e Laurent Terzieff (Alain) que muito bem representam a arte cênica francesa em constante renovação.

GENNYSON AZEVEDO

TEATRO

«DE CABRAL A JK»

SOPRESIMOS nós do fígado e a descortesia com que fomos recebidos e o desconforto com que assistimos ao espetáculo se refletiram em nosso comentário. Efetivamente, um tal sr. Carambola colocado na porta, não primando pela urbanidade, fez questão de desconhecer nossa qualidade de representante da imprensa especializada, apesar da carteira comprovante. Justificamos, em parte, sua atitude diante do fato de estarmos em tais funções, muito recentemente. Mas não justificamos a descortesia, muito menos diante da declaração de nossa condição de professores do Conservatório Nacional de Teatro, atestada por diversas pessoas presentes. Assistimos a parte do espetáculo do lado direito, nos balcões de onde para ver, éramos obrigados a permanecer debruçados, perdendo, ainda assim de vista, grande parte do palco. No intervalo, mudando para as galerias, tivemos então, uma visão de conjunto.

E com grande alegria que recomendamos essa revista. Ela implica em uma verdadeira reabilitação do histórico teatro da Freixo Tiradentes. João Caetano, de seu túmulo, deve ter batido palmas de incentivo e aplauso. É uma verdadeira lição de como se pode fazer revista, mesmo naquela atualmente tão desvalorizada praça, sem apelar para a piada grosseira, os gestos e atitudes de significação equivalente. E não temos dúvida quanto ao sucesso do empreendimento. O público — que pela maneira calorosa, espontânea, desinibida com que se manifesta, em sua constituição dos frequentadores habituais daquele teatro, demonstrava, com toda evidência, saber apreciar a piada-sadia, o comentário político, a sátira aos costumes.

Esperamos que diante do sucesso e da carreira brilhante que estamos certo está reservada à revista «DE CABRAL A JK» a Companhia Brasileira de Espectáculos Musicados continue, no mesmo ritmo e com a mesma orientação adotada nessa primeira produção. Tudo o elenco se apresentou seguro e homogêneo, cumprindo destacar Teresa Austregésio, graciosa, elegante e com boa direção, Dinorah Marzula compõe bem o tipo da professora, de quem não se perde uma palavra (nesse ponto gasterizamos de nos estender sobre o assunto, se o espaço o permitisse), pois é obrigatório verificar que a má acústica não prejudica aqueles que usam a voz com propriedade), e Conjunto «ANJOS DO INFERNO», os bailarinas típicos e ritmistas que se exibiram em números de samba e de batucada, com graça e agilidade admiráveis. Nossos aplausos a todos, especialmente a Orlando Macedo, diretor artístico, que estroou no gênero, realizando o milagre da preparação desse espetáculo, em tempo verdadeiramente recorde.

NOS BASTIDORES

... consta que o novo Teatro Jandê, a ser inaugurado brevemente na Avenida Atlântica, estrará com uma comédia musical de autoria de Luiz Felix e Geyso Bóscali. Partitura de Ary Barroso. Por outro lado, Bibi Ferreira, que se acha entre nós, declarou em recente entrevista que regressará ao Brasil (agora está apenas matando saudades) quando terminem seus compromissos em Lisboa para se dedicar ao gênero musical. Como vemos, estamos voltando aos começos do século, época áurea da revista, operetas etc., muito do agrado popular. Bem são, entretanto, que se cuido um pouco das vozes, já tão deficientes no teatro declamado.

BEATRIZ BANDEIRA

“30 ANOS DE ARTE BRASILEIRA” — GALERIA MACUNAÍMA

Foi inaugurada, no dia 4, na Escola Nacional de Belas Artes (entrada pela Rua México), a Exposição «30 Anos de Arte Brasileira», que dá início às atividades da Galeria Macunaíma.

Preocupado com a falta de divulgação das obras de arte brasileira, um grupo de estudantes da Escola de Belas Artes resolveu fundar a nova galeria, visando levar diretamente ao povo o que fazem os pintores e escultores brasileiros. O desejo dos jovens da ENBA é que do seu trabalho resulte uma aproximação entre a arte e as camadas populares.

A Galeria Macunaíma, cujo nome — título de uma obra de Mário de Andrade — é uma homenagem a um dos intelectuais que maior esforço despendeu em prol do surgimento de uma cultura verdadeiramente nacional, faz parte de um conjunto de realizações que esse grupo pretende patrocinar, a fim de desenvolver as atividades artísticas baseadas em motivos brasileiros.



A Exposição, que tem despertado grande interesse, conta com obras de Portinari, Segall, Di Cavalcanti, Pasceli Guilnard, Veipi, Tarila, Dianira, Sellar, Dacosta, Iberê, Heitor dos Prazeres, Goeldi, Abramo,

Fayga Graessman, Brechete, ref. Giorgi Cravo e Santa Rosa. Na foto, um aspecto da exposição.